

**A “MENTIRA SAGRADA” EM *O ANTICRISTO*: A CONTROVERSA ABORDAGEM DO CÓDIGO DE MANU NA FILOSOFIA NIETZSCHIANA**

[THE “HOLY LIE” IN THE *ANTICHRIST*: THE CONTROVERSIAL APPROACH TO THE MANU CODE IN NIETZSCHIANA PHILOSOPHY]

**Joelson Silva de Araújo**

[joelsontoscano@gmail.com](mailto:joelsontoscano@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-9644-0996>

*Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PPGFIL/UFRN. Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PPGFIL/UFRN. Licenciatura em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Licenciatura em Letras/Português pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor de Filosofia na rede estadual de ensino na SEEC/RN.*

**DOI: [10.25244/tf.v14i2.3477](https://doi.org/10.25244/tf.v14i2.3477)**

Recebido em: 07 de outubro de 2021. Aprovado em: 14 de Julho de 2022

Caicó, ano 14, n. 2, 2021, p. 45-57  
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v14i2.3477](https://doi.org/10.25244/tf.v14i2.3477)  
Dossiê Nietzsche



A “mentira sagrada” em *O Anticristo*:  
a controversa abordagem do código de Manu na filosofia nietzschiana  
ARAÚJO, Joelson Silva de

**Resumo:** A moral indiana presente no Código de Manu, para Nietzsche, moral do cultivo, é contrária à moral cristã da domesticação. Ambas são baseadas e se sustentam através do que Nietzsche denomina como mentiras sagradas. Em *O anticristo*, principalmente nas seções 56-58, Nietzsche faz parecer que considera as sociedades de castas indianas um modelo de sociedade sadia e justa, pois considera que nelas há uma hierarquia que privilegia os mais fortes. No entanto, quando analisamos outras partes dessa e de outras obras, podemos dizer que a questão do Código de Manu e sua mentira sagrada não são simplesmente o que está posto naquelas seções da obra acima citada. Um dos motivos que leva Nietzsche a elogiar tanto Manu, nessas seções de *O anticristo*, é que ele busca se contrapor ao cristianismo, utilizando uma espécie de retórica, usando outros tipos de moral como referência para realizar sua crítica à moral cristã. Assim, pois, se coloca o objetivo deste artigo, no sentido de investigar por que Nietzsche elogia o Código de Manu, em *O anticristo*, nas seções 56-58, e, ao mesmo tempo, critica essa moral do cultivo na maior parte de sua obra. A mentira sagrada postulada no Código de Manu pode ser considerada afirmativa, tipo de mentira forte, em relação à vida, ou, por outro lado, trata-se de um tipo decadente como a mentira sagrada cristã?

**Palavras-chave:** Mentira sagrada. Moral do cultivo. Moral da domesticação. Hierarquia. Mentira livre.

**Abstract:** The Indian morality present in Manu's Code, for Nietzsche, the moral of cultivation, is contrary to the Christian morality of domestication. Both are based on and sustained by what Nietzsche terms holy lies. In *The Antichrist*, mainly in sections 56-58, Nietzsche makes it seem that he considers the Indian caste societies a model of a healthy and just society, as he considers that there is a hierarchy in them that privileges the strongest. However, when we analyze other parts of this and other works, we can say that the question of the Code of Manu and its holy lie is not simply what is posed in those sections of the work cited above. One of the reasons that leads Nietzsche to praise Manu so much, in these sections of *The Antichrist*, is that he seeks to oppose Christianity, using a kind of rhetoric, using other types of morals as a reference to carry out his critique of Christian morality. The purpose of this article is to investigate why Nietzsche praises Manu's Code, in *The Antichrist*, in sections 56-58, and, at the same time, criticizes this moral of cultivation in most of his constructions. Can the holy lie postulated in the Code of Manu be considered affirmative, a strong type of lie, in relation to life, or, on the other hand, is it a decadent type like the Christian sacred lie?

**Keywords:** Holy lie. Morality of domestication. Moral of cultivation. Hierarchy. Free lie.

## INTRODUÇÃO

Nos escritos de Nietzsche, a mentira sagrada ou piedosa pode ser definida como uma “justificativa para o procedimento de transformação de determinadas condições de uma cultura em algo automático, inserido e disseminado no comportamento de um povo” (FREZZATTI, 2008, p. 264). Ela envolve, primeiro, a ideia de revelação, isso implica dizer que essas leis, embora sejam proclamadas pelos sacerdotes religiosos, não são de procedência humana. Considera-se que esse tipo de mentira é de origem divina, perfeita, sendo, também sem história, é um presente divino que foi simplesmente comunicado e não se pode querer investigar a sua origem histórica porque simplesmente os sacerdotes dizem: “não há história”. Outro aspecto que deve ser destacado é que a “revelação” ocorreu em tempos longínquos e imemoriais, sendo, desse modo, um desrespeito à tradição questioná-la.

Em *Crepúsculo dos ídolos*, na seção “Os ‘melhoradores’ da humanidade”, Nietzsche se ocupa em analisar a moral cristã, tida como moral da domesticação, e a moral indiana presente no Código de Manu; esta ele denomina como moral do cultivo, de raças e de privilégio. A princípio, para Nietzsche, a pia fraus cristã “estragou o ser humano, ela o debilitou – mas reivindicou tê-lo ‘melhorado’...” (NIETZSCHE, 2006, p. 50). O que a moral cristã conseguiu foi criar um tipo “doente, miserável, malevolente consigo mesmo; cheio de ódio para com os impulsos à vida, cheio de suspeita de tudo o que ainda era forte e feliz” (NIETZSCHE, 2006, p. 50).

Em algumas obras, como *Aurora* e *Genealogia da moral*<sup>1</sup>, Nietzsche afirma que a moral indiana tornada religião pelo Código de Manu, já havia antecipado muitos aspectos do pensamento religioso europeu. Principalmente no que diz respeito ao poder dos sacerdotes, sendo o seu poder visto até mesmo como maior do que os poderes dos deuses. Para Nietzsche, os homens, além de dependerem dos deuses, dependem ainda mais de todos os seus costumes que são conduzidos pelos sacerdotes. Assim, o sacerdote, na religião hindu, domina pelo “fato de ele ser o mais forte poder na comunidade, absolutamente impossível de ser substituído e subestimado” (NIETZSCHE, 2012, p. 389).

Em *O anticristo*, Nietzsche, mais uma vez, coloca lado a lado duas as morais que, para ele, se formaram a partir de mentiras sagradas: a moral do Código de Manu (indiana) e a moral judaico-cristã. Especificamente nas seções 56-58 dessa obra, o filósofo elogia a moral indiana porque, diz ele: “a ordem das castas, a hierarquia, apenas formula a lei maior da própria vida, a separação dos três tipos é necessária para a conservação da sociedade, para possibilitar tipos mais elevados e supremos” (NIETZSCHE, 2007, § 57, p. 72). Nessa mesma obra, ele critica a moral cristã porque através das suas mentiras sagradas, presentes no Novo Testamento, ajudou a construir uma sociedade de homens fracos e de almas compadecidas; surgiu um tipo de homem ressentido, que vê culpa em todas as suas ações. A crítica ao cristianismo não é uma novidade, visto que ela já aparece em outras obras.

Todavia, o que será problematizado neste artigo é: será que o elogio nietzschiano às sociedades de castas indiana, não seria apenas uma estratégia para endossar ainda mais a crítica do filósofo alemão ao cristianismo, ao supervalorizar retoricamente alguns aspectos da moral indiana? Essa questão é relevante, uma vez que Nietzsche rejeita tanto as mentiras dos sacerdotes indianos quanto dos cristãos em obras como *Crepúsculo dos ídolos* e também, por exemplo, na seção 55 de *O anticristo*. Então, com que finalidade Nietzsche elogia a moral indiana em algumas

<sup>1</sup> NIETZSCHE. *Aurora*, § 96 e *Genealogia da Moral*, III, § 27.

partes de O anticristo? Esta, sem dúvida, é a nossa questão central. Nesse sentido, o nosso objetivo principal é analisar a visão controversa da moral indiana nos escritos de Nietzsche. As mentiras sagradas criadas pela moral indiana e pela moral cristã são, para Nietzsche, construções humanas revestidas de um véu divino. Os sacerdotes, tanto cristãos quanto indianos, negando toda a historicidade e o caráter humano dessas invenções, acabam postulando algo comum nas suas morais, uma vez que ambas se apresentam como as únicas morais verdadeiras ou as únicas capazes de revelar a verdade.

## ENTRE A MORAL CRISTÃ E A MORAL INDIANA

A moral do cultivo indiana, segundo Nietzsche, tem suas diferenças em relação à cristã; a começar, ela propõe cultivar quatro raças de uma vez na mesma sociedade. Essa já é uma grande diferença, demonstração de uma espécie de homem mais brando e razoável. A partir disso, podemos dizer que esse é um motivo pelo qual Nietzsche considera essa moral um tipo mais elevado? No contexto de Crepúsculo dos ídolos, Nietzsche pondera, para ele a moral indiana, em relação ao cristianismo, inventou uma mentira sagrada [heiligen Lüge] superior, Nietzsche diz: “quão miserável é o Novo Testamento ao lado de Manu, como cheira mal!” (NIETZSCHE, 2006, p. 51) Nietzsche se utiliza dessa metáfora para se referir à inferioridade e a decadência moral do cristianismo em relação ao Código de Manu, embora este tenha surgido muitos séculos antes daquele.

Nietzsche, em Crepúsculo dos ídolos, não aprofunda, tanto quanto em O anticristo, essa discussão. Todavia, ele ainda justifica porque a moral cristã da domesticação é inferior à moral do cultivo indiana:

O cristianismo, de raiz judaica e compreensível apenas como produto deste solo, representa o movimento oposto a toda moral de cultivo, de raça, de privilégio: - é a religião antiariana par excellence [por excelência]: o cristianismo, [...] triunfo dos valores chandalas, o evangelho pregado aos pobres, aos baixos, a revolta geral de todos os pisoteados, miseráveis, malogrados e desfavorecidos contra a “raça” – a imorredoura vingança chandala como religião do amor... (NIETZSCHE, 2006, p. 51).

Com o cristianismo, como diz Nietzsche, triunfa os valores nocivos à vida; os valores chandalas, tipo mais baixo da moral indiana e que, nesse contexto, significa, os pobres na visão cristã, buscam a vingança contra as raças fortes. Entretanto, apesar de ser uma religião diferente da indiana, na medida em que privilegia apenas o tipo doente e incurável, o cristianismo e o hinduísmo usam os mesmos meios para se imporem; podemos dizer que esses meios são: a invenção de uma mentira sagrada, tida como revelação divina e postulada por sacerdotes que se autoproclamam como um tipo superior; a crença no “melhoramento” da humanidade e, como toda moral, a vontade incondicional do oposto (NIETZSCHE, 2006, p. 52). Posto isso, quer dizer, se a mentira sagrada é comum a ambas as morais, há como dizer que a mentira sagrada do

Código de Manu é a favor da vida? Em *Crepúsculo dos ídolos* não temos uma resposta suficiente a essa questão.

Em *O anticristo*, Nietzsche retoma essa discussão nas seções 56, 57 e 58, principalmente. Parece tratar-se de uma continuidade da análise inconclusa presente na seção “Os ‘melhoradores’ da humanidade”, de *Crepúsculo dos ídolos*. Não é de se admirar que seja dessa forma, já que as duas obras foram escritas quase que simultaneamente em 1888.

Ora, se em *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche iguala a moral cristã da domesticação à moral do cultivo indiana, visto que ambas se utilizam dos mesmos meios de imporem, sendo a mentira sagrada o principal meio. Todavia, em *O anticristo*, a questão é outra: para que finalidade se mente? Com ela, Nietzsche traz à baila outra questão: a que tipo ou meio de existência essa mentira está a serviço? Às questões aqui lançadas, ele parece dar a seguinte resposta:

O fato de não haver finalidades “santas” no cristianismo é a minha objeção aos seus meios. Apenas finalidades ruins: envenenamento, difamação, negação da vida, desprezo do corpo, rebaixamento e autoviolação do homem pelo conceito de pecado – portanto, também seus meios são ruins (NIETZSCHE, 2007, p. 68).

Saber a que finalidade serve a pia fraus revela toda a diferença na perspectiva nietzscheana, ou seja, se ela é contra ou favor da vida, isto é, da potencialização dos impulsos humanos (FREZZATTI, 2008, p. 272). Se as finalidades com que se mente na moral cristã são ruins e nocivas à vida, é, no entanto, com outros olhos que Nietzsche enxerga as finalidades da mentira sagrada no Código de Manu:

É com sentimento oposto que leio o Código de Manu, uma obra inigualavelmente espiritual e superior, tanto que apenas nomeá-la juntamente com a Bíblia seria um pecado contra o espírito. Logo se percebe: ele tem uma verdadeira filosofia atrás de si, em si, não apenas uma malcheirosa judaína de rabinismo e superstição – até ao mais fastidioso psicólogo ele dá algo substancial para morder. Não esquecendo o principal, a diferença básica em relação a toda espécie de Bíblia: com ele as classes nobres, os filósofos e os guerreiros, erguem a mão sobre a multidão; valores nobres em toda parte, um sentimento de perfeição, um dizer Sim à vida, um triunfante sentimento de bem-estar consigo e com a vida – o Sol está em todo o livro (NIETZSCHE, 2007, p. 68).

Para Nietzsche, há uma filosofia no Código de Manu que vai além de superstições e dogmas; uma filosofia que privilegia as classes nobres a partir de uma “lei suprema” que condiz com a ordem natural do mundo. Já os fins do cristianismo são de nivelamento, na medida em que busca igualar todos a partir de um tipo doente, e rebaixamento, uma vez que rebaixa a classe nobre e guerreira e as coloca ao lado dos fracos. Para Nietzsche, a mentira sagrada cristã acaba

diminuindo a elevação do poder, uma vez que através do pecado “continuam a empestear a inocência do vir-a-ser com ‘culpa’ e ‘castigo’” (NIETZSCHE, 2006, p. 46).

A partir da análise desse contraste de finalidades existentes entre esses dois tipos distintos de moral conduzidos pela mesma mentira, Nietzsche passa a analisar o processo de constituição da mentira sagrada de Manu. Esse processo, segundo ele, mostra sua superioridade e a sua contribuição ao aumento do poder do homem. Nietzsche não se opõe ao fato do Código de Manu se consolidar depois de um processo histórico que “resume a experiência, prudência e moralidade experimental de largos séculos” (NIETZSCHE, 2006, p. 70). No entanto, diante do desenvolvimento e dos possíveis questionamentos que surgem pelo povo, segundo Nietzsche, é preciso uma dupla maneira de enfrentar os questionamentos, isto é, para que a mentira se sustente, é preciso:

Primeiro a revelação, a afirmativa de que a razão dessas leis não é de procedência humana, não foi buscada e achada lentamente e com muitos erros, e sim, tendo origem divina, é inteira, perfeita, sem história, uma dádiva, um prodígio, simplesmente comunicada... Depois a tradição, a afirmativa de que a lei existe desde tempos imemoriais, de que pô-la em dúvida é algo ímpio, crime contra os antepassados (NIETZSCHE, 2007, p. 70).

Essas justificativas dão autoridade à mentira e a sua intenção é reprimir quaisquer que sejam os questionamentos de uma experiência diferente daquela anunciada pelo Código; tudo isso para tornar inconsciente e automático o processo que historicamente transforma os costumes dos povos.

## O PROBLEMA DA “HIERARQUIA” NOS ESCRITOS DE NIETZSCHE

Para Nietzsche, a hierarquia [Rangordnung]<sup>2</sup>, em *O anticristo*, mais especificamente nas seções 56-58, remete à ordem natural, uma espécie de lei suprema que afirma a vida e possibilita a elevação dos impulsos, sendo, por esses motivos, que a moral do cultivo indiana apresenta aspectos afirmativos, quando comparamos com a Bíblia cristã:

---

<sup>2</sup> Quando fala de hierarquia em *O anticristo* e em relação à moral de cultivo indiana, Nietzsche parece remeter ao que diz em ABM: Toda elevação do tipo “homem” foi, até o momento, obra de uma sociedade aristocrática – e assim será sempre: de uma sociedade que acredita numa longa escala de hierarquias e diferenças de valor entre um e outro homem, e que necessita da escravidão em algum sentido. [...] Digamos, sem meias palavras, de que modo começou na terra toda sociedade superior! Homens de uma natureza ainda animal, bárbaros em toda terrível acepção da palavra, homens de rapina [...] A casta nobre sempre foi, no início, a casta de bárbaros: sua preponderância não estava primariamente na força física, mas na psíquica – eram os homens *mais inteiros* (o que em qualquer nível significa também “as bestas mais inteiras” (§ 257, p. 169). Outro aspecto que cabe destaque é encontrado no prólogo de HDH sobre a hierarquia enquanto justiça psicológica: “Você deve ter domínio sobre seu pró e o seu contra, e aprender a mostra-los e novamente guarda-los de acordo com seus fins. [...] Você deve apreender a injustiça *necessária* a todo pró e contra injustiça como indissociável da vida” (§ 6, p. 12). Essa perspectiva da hierarquia está associada a ideia de espírito livre e da vontade de poder. É nesse sentido que Nietzsche, em *O anticristo*, considera “injusta” a tentativa de igualdade e nivelamento da moral cristã.



**A “mentira sagrada” em *O Anticristo*:  
a controversa abordagem do código de Manu na filosofia nietzschiana**  
ARAÚJO, Joelson Silva de

A ordem das castas, a hierarquia, apenas formula a lei maior da própria vida, a separação dos três tipos é necessária para a conservação da sociedade, para possibilitar tipos mais elevados e supremos – a desigualdade dos direitos é a condição para que haja direitos. – Um direito é um privilégio (NIETZSCHE, 2007, p. 72).

Para Nietzsche, é natural a hierarquia quando a expansão do poder é a lei suprema a ser seguida. No caso da moral do cultivo, a separação dos três tipos: guerreiros, mercadores e os servidores sudras é necessária para manter, ao mesmo tempo, o privilégio dos sacerdotes e também o direito dessas três classes. Assim, ter os sacerdotes no topo da pirâmide é um privilégio para as raças medíocres, uma vez que lhes garantem o direito de exercerem suas funções profissionais e de se sentirem felizes a partir do sentimento de fazer parte da comunidade. Como diz Nietzsche, para o mediano, ser mediano é uma felicidade (NIETZSCHE, 2007, p. 72). Essa é a concepção de justiça que o cristianismo pretende tornar injusta.

É, pois, dessa forma, exaltando a ordem das castas e a hierarquia preconizada por Manu, que Nietzsche se opõe duramente ao cristianismo, porque considera sua reivindicação de direitos iguais injusta, diz ele: “a injustiça não está jamais nos direitos desiguais, está na reivindicação de direitos ‘iguais’... O que é ruim? Já o disse: tudo o que se origina da fraqueza, da inveja, da vingança” (NIETZSCHE, 2007, p. 72).

O tipo cristão, para Nietzsche, é semelhante ao tipo mais vil e baixo presente na ordem das castas de Manu: o tipo chandala<sup>3</sup>, raça impotente, invejosa “fruto do adultério, do incesto e do crime” (NIETZSCHE, 2006, p. 51). Na ótica nietzschiana, a finalidade com que se mente no cristianismo visa à destruição da hierarquia, e no hinduísmo, ao contrário, visa à conservação dessa ordem natural (NIETZSCHE, 2007, p. 73).

Assinalamos anteriormente que Nietzsche genealogista considera a moral um “discurso falso” (BLONDEL, 1985, p. 112). No entanto, para inserir a hierarquia dos valores e a diferença entre forte-fraco na análise da pia fraus – mentira sagrada – ele se utiliza de uma dupla abordagem, isto é, analisa a moral cristã e a moral do cultivo indiana. Essa análise só é possível, assim, dessa maneira, porque Nietzsche traz uma perspectiva fisiológica<sup>4</sup> que consiste em “entender as produções humanas como sintomas da potência e da configuração dos impulsos que lutam entre si por mais potência” (FREZZATTI, 2008, p. 273). Com essa perspectiva, “na qual o homem sente os seus mais fortes impulsos” (NIETZSCHE, 2013, p. 81), Nietzsche quer ultrapassar as categorias ou oposições metafísicas presentes na filosofia e na moral europeia. Nesse sentido, diante do exposto aqui, já podemos dizer que a pia fraus da moral de cultivo indiana seria mais sadia porque os seus costumes favorecem as condições de vida em que a elevação do poder prospera?

<sup>3</sup> Em *O Anticristo*, Nietzsche faz várias menções ao chandala, comparando sempre ao cristão; esse termo se tornou significativo dentro dessa comparação entre a moral cristã e a moral hindu. Como diz Niemeyer: “chandala (atualmente denominado *dalits* e oficialmente proibido após a constituição indiana) representa, todo homem que, a partir do espírito de casta, se descobre um *out-casts* e ‘intocável’ impotente”. (Léxico Nietzsche, p. 274).

<sup>4</sup> Paulo César de Souza, in ABM, nf 42 – p. 225 nos alerta sobre o sentido de fisiologia em Nietzsche: É preciso atentar para o sentido em que aqui se usa a palavra “fisiologia”, que não é aquele convencional, de ciência que estuda as funções orgânicas dos seres vivos. Trata-se de uma acepção mais ampla, que estende esse estudo às funções propriamente mentais. Aproxima-se, então, do uso que literatos e psicólogos franceses do século XIX faziam do termo.

**A “mentira sagrada” em *O Anticristo*:  
a controversa abordagem do código de Manu na filosofia nietzschiana**  
ARAÚJO, Joelson Silva de

No entanto, a mentira sagrada e a finalidade com que se mente no Código de Manu ainda são passíveis de análise, isso se levarmos em consideração que Nietzsche, além das seções 56-58 de *O anticristo*, adota outra postura em relação a Manu e as sociedades de castas, e poucas vezes fala de política, no sentido comum do termo, parece necessária uma análise mais profunda, no sentido de questionar a apreciação nietzschiana ao Código de Manu em *O anticristo*; cabe aqui mencionar que alguns intérpretes da filosofia nietzscheana consideram esse elogio à sociedade de castas indiana como sendo o “ideal político” nietzschiano par excellence<sup>5</sup>. Nossa análise tem um objetivo diferente: questiona se a mentira sagrada ou pia fraus do Código de Manu pode ser caracterizada como mentira forte e afirmativa, a favor da prosperidade da vida ou, ao contrário, se é mais um tipo de mentira moral, fraca e negativa aos instintos de crescimento inerentes à vida.

Essas possibilidades de interpretação parecem necessárias, uma vez que *O anticristo*, mais especificamente as seções 56-58, se mostra como exceção ao pensamento nietzschiano como um todo, na medida em que nessa parte da obra Nietzsche exalta demasiadamente a sociedade de castas indiana. Esse tipo de apreciação do Código de Manu precisa ser melhor analisado, digamos que é preciso ir além dessas seções, analisar a obra como um todo e, da mesma forma, ter como referências outros textos que possibilitem identificar algumas das ideias de Nietzsche quase que na sua totalidade. De início, podemos dizer que essas seções de *O anticristo* representam uma pequena exceção quando se trata de elogiar as sociedades de castas, na maior parte da sua obra Nietzsche critica tanto as sociedades baseadas na ordem das castas como também a mentira sagrada que lhes sustentam.

Abrir-se a essa possibilidade quer dizer também levar em conta o fato de que na maior parte dos seus escritos, Nietzsche mostra-se contrária a toda forma de moral<sup>6</sup>, especialmente os tipos conduzidos pelos sacerdotes. Assim, por que seria diferente com a moral do cultivo indiana? Eric Blondel<sup>7</sup> considera que a moral do cultivo presente tanto em *Crepúsculo dos ídolos* como em *O anticristo*, apresentam as únicas vezes em que Nietzsche apresenta uma concepção moral, a seu ver, positiva.

Assim, para melhor entendimento, inicialmente, vejamos o que diz Nietzsche no final da seção “Os ‘melhoradores’ da humanidade” de *Crepúsculo dos ídolos*:

Nem Manu, nem Platão, nem Confúcio, nem os mestres judeus e cristãos duvidaram do seu direito à mentira. Não duvidaram de outros direitos... Expresso numa fórmula, pode-se dizer: todos os meios pelos quais, até hoje, quis-se tornar moral a humanidade foi fundamentalmente imorais (NIETZSCHE, 2006, p. 52).

<sup>5</sup> Assim considera Lester H. Hunt em *Nietzsche and the Origin of Virtue*, Ofelia Schutte em *Beyond Nihilism: Nietzsche without Masks* e Henning Ottman em *Philosophie und Politik bei Nietzsche*.

<sup>6</sup> Alguns exemplos que mostram essa visão são: *Aurora*, § 9. *Além do bem e do mal*, § 5. *Genealogia da moral*, I, § 7. *Crepúsculo dos ídolos*, Máximas e flechas, § 36, p. 15; O problema de Sócrates, § 10, p. 22; A “razão” na filosofia, § 6, p. 29.

<sup>7</sup> BLONDEL, Eric. *L'Antéchrist*. Indica que na seção 57: “Ao longo desse parágrafo surpreendentemente longo, Nietzsche, através de uma espécie de reexposição resumida do código de Manu, revelará sua própria concepção moral positiva em segundo plano”. (p. 173)



Apesar das discussões em *Crepúsculo dos ídolos*, sobre o Código de Manu e as sociedades de castas serem breves, como mostra o trecho acima, o que observamos nesse trecho é Nietzsche igualar filósofos e sacerdotes porque todos eles sempre agiram e mentiram como se fossem detentores e proclamadores da verdade, nunca sequer duvidaram dos seus dogmas e jamais reconheceram que por trás de cada moral estava uma mentira tida como revelação divina ou mesmo, no caso dos filósofos, como fruto do pensamento racional, sempre indubitável. Para Nietzsche, esses meios foram todos imorais, inclusive Manu quando proclamou o seu código moral e o transformou em religião.

Nessa seção de *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche se coloca contra toda a moralidade; segundo ele, todos os filósofos e sacerdotes se consideraram “melhoradores” da humanidade. Apesar de diferenciar moral do cultivado e moral da domesticação, Nietzsche termina a seção rejeitando os dois tipos.

Ora, como vimos anteriormente, as seções 56-58 de *O anticristo* apresentam uma aparente apreciação do Código de Manu e sua ordem de castas. No entanto, na seção 55 dessa mesma obra, Nietzsche diz que o direito de mentir são parte de todos os tipos de sacerdotes “tanto dos sacerdotes de decadência como dos sacerdotes do paganismo” (NIETZSCHE, 2007, p. 68). Os sacerdotes se apropriam desse direito à mentira compreendendo que o homem comum não consegue compreender algumas questões que estão acima da razão; acreditando serem tipos elevados, eles, segundo Nietzsche, nem sequer duvidam das suas mentiras sagradas. Essa visão é comum aos vários tipos de sacerdotes e também de filósofos: “comum a Confúcio, ao Código de Manu, a Maomé, à Igreja cristã: não está ausente em Platão. ‘A verdade em si’: isto significa, onde quer que seja ouvida: o sacerdote mente...” (NIETZSCHE, 2007, p. 68).

## COM QUE FINALIDADE MENTEM OS SACERDOTES?

A partir dessas considerações, cabe, pois, voltarmos à seguinte questão: será que Nietzsche concebe a mentira sagrada postulada pelos sacerdotes, especificamente a mentira sagrada presente no Código de Manu, de forma afirmativa e em favor da vida? É preciso nos debruçar na análise dessa questão, visto que apenas uma seção antes de elogiar a moral indiana, Nietzsche afirma que todas as mentiras sagradas pertencem a estruturas sacerdotais, tanto no cristianismo como em Manu e até em Platão.

Thomas H. Brobjer em seu artigo *The Absence of Political Ideals in Nietzsche’s Writings*, assinala que há uma retórica nas seções 56-58 em defesa da sociedade das castas, principalmente em relação ao Código de Manu. No entanto, se suprimimos essa retórica e analisamos essas seções de maneira mais ampla, isto é, concebendo o corpus nietzschiano como um todo, podemos dizer que há um exagero ou uma “aparente apreciação”<sup>8</sup> a Manu nessas seções, isso porque nelas, Nietzsche defende uma sociedade que utiliza meios para a conservação que não dão espaço para a transformação, para o surgimento do novo. Esse tipo de sociedade que “nada

---

<sup>8</sup> Thomas H. Brobjer. *The Absence of Political Ideals in Nietzsche’s Writings*, p. 305. Assinala como um dos motivos principais que levaram Nietzsche a elaborar essa concepção das Leis de Manu em *O anticristo* foi a sua leitura do livro *Os legisladores religiosos. Manu, Moisés, Maomé* (1876), de Louis Jacolliot. Do mesmo modo Andreas Urs Sommer, em seu artigo *O que Nietzsche leu e o que não leu*, diz que as ideias de Jacolliot, utilizadas “para atestar suas projeções de desejo de um ordenamento de castas de caráter filosófico no *Código legal do Manu*, do antigo hinduísmo”, agradaram tanto Nietzsche que ele, apesar de desfrutar de um olhar filológico aguçado, não suspeitou daquelas ideias (p. 34).

mais cria” (NIETZSCHE, 2007, p. 70) não parece ser, como diz Brobjer, o ideal de Nietzsche; o contrário disso: “um esforço e competição contínuos (superação), auto superação, vontade de poder e um esforço para se tornar um super-homem (Übermensch)” (BROBJER, 2012, p. 305), parecem retratar melhor a sua filosofia.

## **A MENTIRA SAGRADA CRISTÃ E INDIANA NEGAM A VIDA**

Se pensarmos a filosofia nietzschiana contida em *O anticristo* a partir também de outros textos, como *Além do bem e do mal*, obra na qual Nietzsche fala dos “filósofos do futuro” (NIETZSCHE, 1992, p. 116), críticos e experimentadores, aqueles que resistem ao engano, lutam contra as mentiras sagradas; se levarmos em conta também a ideia de super-homem formulada em *Assim falou Zaratustra*, de que o “homem deve ser superado” (NIETZSCHE, 2011, p. 189), podemos dizer que não é exagero dizer que a apreciação de Nietzsche ao Código de Manu é aparente. O próprio Nietzsche se coloca diferente na seção 3 de *O anticristo*, diz ele:

O problema que aqui coloco não é o que sucederá a humanidade na sequencia dos seres (- o homem é um final -); mas sim que tipo de homem deve-se cultivar, deve-se querer, como de mais alto valor, mais digno de vida, mais certo de futuro (NIETZSCHE, 2007, p. 11).

Todos esses aspectos indicam certa coerência em nossa análise no sentido de entender por que Nietzsche, nas seções 56-58 de *O anticristo*, exalta tanto a ordem das castas indiana presente no Código de Manu. Ainda assim, é preciso questionar: por que Nietzsche utiliza meios retóricos para elogiar a sociedade de Manu? Brobjer traz à discussão um aspecto muito importante e que, na maioria das vezes, passa despercebido por muitos estudiosos, qual seja o de analisarmos as palavras de Nietzsche no nível contextual, isto é, indagar com quais intenções ele escreve a obra em questão. No caso de *O anticristo*, como diz ele:

deve-se notar que o principal objetivo de Nietzsche nesta obra é uma crítica ao cristianismo, isto é, a sua própria tradição e a dos leitores. Quando ele compara negativamente o cristianismo com outras alternativas (aqui as leis de Manu) isso não significa necessariamente que elas constituem o ideal de Nietzsche, ou mesmo que sua visão delas seja tão positiva quanto possa parecer. A retórica em tal situação exagera os lados positivos das alternativas (BROBJER, 2012, p. 310).

Devemos, pois, considerar tal análise, visto que fica claro que nas seções em que demonstra apreciação pelo Código de Manu, Nietzsche sempre faz tal apreciação numa

**A “mentira sagrada” em *O Anticristo*:  
a controversa abordagem do código de Manu na filosofia nietzschiana**  
ARAÚJO, Joelson Silva de

sobreposição ao cristianismo, o elogio a Manu é sempre para rebaixar o cristianismo. Não podemos esquecer que Nietzsche dá o seguinte subtítulo a *O anticristo*: “maldição ao cristianismo”, o que já revela qual a sua intenção nessa obra. Nesse sentido, não causa espanto que ele use a retórica para elogiar aparentemente uma religião que ele considera “diferente” do cristianismo em alguns aspectos, talvez não em relação à mentira sagrada. Essa supervalorização de Manu também não quer dizer que Nietzsche o considere “ideal” ou próprio à sua maneira de conceber a vida. Nietzsche parece estar mentindo quando defende a sociedade de castas. A apreciação do Código de Manu em *O anticristo* parece ser uma estratégia contra o cristianismo<sup>9</sup>.

Brobjer tem razão quando diz que há uma “aparente apreciação” (BROBJER, 2012, p. 300) de Nietzsche pelas mentiras sagradas do Código de Manu. Não podemos negar que alguns aspectos dificultam encontrar os equívocos nessa apreciação das Leis de Manu; um exemplo desses está na seção 57 de *O anticristo*, quando ele diz: “a ordem das castas, a hierarquia, apenas formula a lei maior da própria vida” (NIETZSCHE, 2007, p. 72). Hierarquia é um termo que tem um amplo significado e grande importância em todo o léxico da filosofia nietzschiana; todavia, nessas seções em que elogia a moralidade indiana, Nietzsche fala de hierarquia a partir de sociedades de castas em que a ordem não provoca mudanças ou superação, ele fala de hierarquia no sentido habitual em que parece que ele afirma “uma maneira monolítica de pensar, valorizar e ver a sociedade e a humanidade” (NIETZSCHE, 2007, p. 72), o que geralmente contraria sua visão de mundo.

Contrário à ideia de uma sociedade hierarquizada que traz desde sempre esses tipos já determinados “naturalmente”, como é o caso das mentiras sagradas de Manu, Nietzsche em uma anotação de 1888, intitulada *A inversão da ordem hierárquica*, diz que os sacerdotes são falsários e que a nobreza [Vornehmheit] não é algo já posto, isto é, “nós a determinamos” (NIETZSCHE, 2012, p. 393).

Nietzsche também compara Manu a Platão, como vimos em *Crepúsculo dos ídolos*, assinala que ambos construíram suas ideias com base na mesma mentira sagrada, tendo como objetivo principal o desejo sacerdotal de domínio moral. Se em *Crepúsculo dos ídolos* (1888) essa discussão não se torna tão clara e nem tampouco desenvolvida, em algumas anotações<sup>10</sup> do mesmo ano, Nietzsche novamente volta à discussão. Em todas as notas, entretanto, a associação entre os dois pensadores “não é uma indicação da aprovação de Nietzsche a Manu, mas sim de sua crítica a Platão, que, segundo Nietzsche, também baseou esse pensamento na moral pré-moral e nas estruturas sacerdotais” (BROBJER, 2012, p. 311).

Tal crítica a Platão demonstra, como assinala Brobjer, um “interesse limitado” de Nietzsche pelas questões políticas envolvendo o filósofo grego, e podemos acrescentar que o interesse maior de Nietzsche nesse aspecto é mostrar que tanto um como o outro se utilizam em seus textos de uma moralidade sacerdotal para fundamentar a mentira sagrada que subjaz nos seus sistemas de ideias, sejam eles filosóficos ou religiosos.

<sup>9</sup> NIETZSCHE. *Fragments póstumos*, 1888, 15[24], p. 377. Nietzsche diz: “Uma comparação do código indiano com o cristão não tem como ser evitada; não há nenhum meio melhor para ficar sabendo do caráter imaturo e diletante de toda a tentativa cristã”.

<sup>10</sup> Nas seguintes anotações póstumas, Nietzsche faz a mesma comparação: 14[175], p. 326; 14[191], p. 341.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, pois, é num sentido restrito que Nietzsche elogia as Leis de Manu, sua apreciação é uma estratégia para endossar ainda mais sua crítica ao cristianismo nas seções 56-58 de *O anticristo*. A mentira sagrada da moral dos sacerdotes indiana não é afirmativa, não impulsiona o poder do homem; ao contrário, ela estabiliza a sociedade e nada cria, nada transvalora.

Considerando que Nietzsche, nas obras de maneira geral, radicaliza sua crítica a toda a moral, inclusive, como vimos, a moralidade indiana das castas, considerando também que em *O anticristo* “o objetivo é fazer o contraste com o cristianismo o mais forte possível” (BROBJER, 2012, p. 313). E ainda considerando que para Nietzsche os sacerdotes são negadores da vida, contrários a qualquer transvaloração nos restam dizer que a mentira sagrada tem sempre uma conotação moral negativa, seja no cristianismo ou em Manu.

Num breve paralelo entre os escritos do jovem Nietzsche, principalmente *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral* (1873), e o último Nietzsche, já maduro, em *O anticristo* (1888), podemos dizer que o jovem filólogo se ocupa em distinguir o par conceitual “verdade” e “mentira” numa perspectiva livre dos grilhões da moral, busca a origem desses conceitos sem recorrer à religião ou a filosofia. Já no seu último ano de produção intelectual, desfrutando de um pensamento maduro, Nietzsche já não se preocupa com a “verdade”; no entanto, em seus escritos as discussões sobre a “mentira” se intensificam, uma vez que, em *O anticristo*, ela aparece como contraposição à realidade. Para ele, mentir já não é o descumprimento de um acordo ou o uso de designações que fazem o irreal parecer real. Mentiras são invenções utilizadas pelos padres e sacerdotes para manter a “ordem moral do mundo”, invenções que dizem ter boas intenções, mas que não condizem com a realidade.

Não se trata mais de questionar o que é a mentira, mas sim de saber a que tipo ou modo de existência serve a mentira. A pia fraus dos sacerdotes serve a um modo de vida em declínio, nada mais são que mentiras de “ordem metafísica que estabelecem uma coalização com o sacerdócio” (ANDLER, 2016, p. 699) no sentido de diminuir o valor da vida e negar, assim, a realidade efetiva.

## REFERÊNCIAS

Obras de Nietzsche:

[Friedrich Nietzsche, **Digital critical edition of the complete works and letters**, based on the critical text by G. Colli and M. Montinari, Berlin/New York, de Gruyter 1967-, edited by Paolo D'Iorio].

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**: Reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

DOI: [10.25244/uf.v14i2.3477](https://doi.org/10.25244/uf.v14i2.3477)

**A “mentira sagrada” em *O Anticristo*:  
a controversa abordagem do código de Manu na filosofia nietzschiana**  
ARAÚJO, Joelson Silva de

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro.** Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra.** Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos: ou como se filosofa com o martelo.** Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos póstumos 1887-1889.** Vol. VII. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos póstumos 1885-1887.** Vol. VI. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica.** Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo.** Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **L'Antéchrist.** Traduction inédite, introduction, notes, bibliographie et index par Éric Blondel. Paris: GF Flammarion, 1994.

Outras obras:

ANDLER, Charles. **Nietzsche: vida e pensamento.** Vol. II. Tradução Vera Ribeiro. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora Puc Rio, 2016.

BLONDEL, Eric. **As aspas de Nietzsche: filologia e genealogia.** In: MARTON, Scarlett (Org.). Nietzsche Hoje? São Paulo: Brasiliense, 1985.

BROBJER, T. H. **The Absence of Political Ideals in Nietzsche's Writings.** The Case of the Laws of Manu and the Associated Caste-Society. Nietzsche-Studien 27, 2012, p. 300-318.

FREZZATTI, Wilson. “A pia fraus (mentira piedosa) sob a perspectiva da Genealogia da moral: Vontade de Potência e Mito”. In: PASCHOAL, Edmilson Antônio; FREZZATTI, Wilson Antônio (Org.). **120 anos de Para a Genealogia da Moral.** Ijuí: Editora Unijuí, 2008.